


Desenhando Identidades: A Importância da Literacia Visual nos Manuais Escolares do 1.º Ano do Ciclo Básico de Estudo do Meio

Drawing identities: Visual literacy in School textbooks of primary education

 10.64493/INV.20.5

Cristina Ferreira
Faculdade de Belas Artes da
Universidade do Porto, Instituto
de Investigação em Arte, Design e
Sociedade

artigo recebido em: 11.11.2024
artigo aceite parapublicação: 24.05.2025

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Ferreira, C. (2025). Desenhando Identidades: A Importância da Literacia Visual nos Manuais Escolares do 1.º Ano do Ciclo Básico de Estudo do Meio. Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. <https://doi.org/10.64493/INV.20.5>

Resumo

As imagens nos manuais escolares vão além de um papel meramente ilustrativo, influenciando as perceções das crianças sobre identidade e sociedade. Representações inclusivas são essenciais para desconstruir estereótipos e fomentar a empatia. A ausência ou distorção de identidades reflete hierarquias culturais e reforça desigualdades estruturais, afetando a autoestima e o sentido de pertença. A literacia visual, entendida como prática pedagógica e ato político, proporciona ferramentas para uma análise crítica destas dinâmicas e para o questionamento

de preconceitos. Promover diversidade nos materiais educativos exige intencionalidade e diálogo, transformando as imagens em agentes de inclusão, valorização e mudança social.

Palavras-chave: Manuais escolares; Imagens; Identidade; Literacia visual; sentido de pertença

Abstract

The images in school textbooks go beyond a merely illustrative role, shaping children's perceptions of identity and society. Inclusive representations are essential for deconstructing stereotypes and fostering empathy. The absence or distortion of identities reflects cultural hierarchies and reinforces structural inequalities, impacting self-esteem and the sense of belonging. Visual literacy, understood as both a pedagogical practice and a political act, provides tools for critically analyzing these dynamics and questioning biases. Promoting diversity in educational materials requires intentionality and dialogue, transforming images into agents of inclusion, empowerment, and social change.

Desde 1974, os manuais escolares do 1º ano do ensino básico em Portugal têm sido instrumentos fundamentais na formação das crianças. No entanto, as ilustrações presentes nesses materiais revelam tanto o visível quanto o invisível das identidades. O projeto [in]visible questiona: quem está representado e quem permanece ausente? Esta reflexão não se limita à análise das imagens; ela abrange os sistemas culturais e políticos que as moldam e os impactos que exercem na construção das identidades infantis.

Visibilidade e Invisibilidade: O Papel das Imagens no Processo Educativo

As ilustrações presentes nos manuais escolares transcendem o papel de meros complementos visuais ao texto. Elas formam uma linguagem autónoma e significativa, que comunica ideias, valores e narrativas muito antes da mediação da linguagem escrita. Como observa John Berger (1987, p.11), "A criança olha e vê antes de falar," enfatizando que a experiência visual antecede e molda as capacidades interpretativas e comunicativas. É por meio dessas imagens que as crianças começam a formar as suas perceções sobre o mundo, construindo noções sobre si mesmas, os outros e a sociedade. Nesse contexto, as ilustrações nos manuais escolares funcionam como ferramentas que tanto podem ampliar quanto restringir as experiências simbólicas das crianças. A presença ou ausência de determinadas identidades, assim como a forma como elas são representadas, desempenham um papel determinante na configuração do imaginário social e no desenvolvimento das sensibilidades culturais infantis. Uma ausência ou uma distorção nessas representações não é neutra: reflete hierarquias culturais e, de forma mais preocupante, reforça desigualdades estruturais que já permeiam a sociedade. Por seu lado, Isabel Capelo Gil (2011, p.15) explora essa dinâmica ao discutir como as imagens participam da "constituição de estratégias de poder que permeiam os campos de visibilidade e invisibilidade." Segundo ela, as imagens são expressões de um sistema que legitima certos grupos e marginaliza outros, criando espaços de reconhecimento para uns enquanto subtrai esses mesmos espaços para outros. A invisibilidade de determinadas identidades nos manuais escolares, portanto, vai além da ausência física; ela equivale a uma negação simbólica que compromete a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A exclusão ou sub-representação de determinados grupos sociais nas imagens dos manuais escolares contribui para a manutenção de dinâmicas de exclusão. Crian-

ças que não se veem refletidas nessas representações podem sentir que as suas experiências, culturas e histórias não são valorizadas ou reconhecidas, afetando sua autoestima e seu senso de pertencimento. Por outro lado, a representação distorcida ou estereotipada reforça preconceitos e contribui para a perpetuação de narrativas que reforçam relações desiguais de poder.

A Literacia Visual Como Estratégia de Ação Cultural

A literacia visual emerge como uma ferramenta essencial na compreensão e transformação dos modos como as imagens influenciam as percepções sociais, especialmente em contextos educativos. Isabel Capelo Gil (2011, p. 15) descreve a literacia visual como uma “intervenção de cidadania”, reconhecendo-a como um processo que vai além da leitura das imagens, abrangendo a análise crítica dos dispositivos de poder que moldam e regulam o olhar. Este conceito sublinha que a educação visual é tanto uma prática pedagógica quanto um ato político, capaz de revelar e questionar estruturas de poder embutidas nas representações visuais.

No mundo contemporâneo, onde as imagens desempenham um papel central na construção de significados, a literacia visual torna-se indispensável para a formação de cidadãos críticos e conscientes. As imagens não são neutras; elas carregam narrativas, valores e ideologias que influenciam profundamente a forma como as pessoas interpretam o mundo e se posicionam nele. Quando aplicadas aos manuais escolares, essas imagens têm o potencial de moldar a compreensão que as crianças têm de si mesmas, dos outros e da sociedade.

Os manuais escolares, tradicionalmente concebidos como instrumentos para transmitir conhecimentos curriculares, precisam transcender esse papel e assumir uma função mais ampla: a de promover uma consciência inclusiva e socialmente responsável. Essa transformação exige um compromisso com a representação visual de diversidades étnicas, culturais e de gênero, garantindo que todas as crianças se sintam reconhecidas e valorizadas. Contudo, a inclusão de identidades diversas não pode ser superficial ou simbólica. É preciso que as representações visuais sejam cuidadosas e sensíveis, desconstruindo ativamente estereótipos que perpetuam desigualdades e preconceitos. Como observa Walter Kohan (2015, p. 216), num texto que relaciona filosofia com a infância, esta última deve ser compreendida como um espaço aberto à memória e à imaginação, onde as diferentes visões de mundo não apenas coexistem, mas dialogam e se enriquecem mutuamente. Podemos inspirar-nos nesta ideia, ainda que proveniente de um universo filosófico, e transpô-la para a temática aqui em estudo e afirmar que as representações nos manuais escolares não são apenas espelhos do presente, mas também instrumentos para imaginar e construir futuros mais inclusivos. De forma complementar, a capacidade de interpretar imagens de forma crítica é fundamental para a desconstrução de estereótipos. Gil (2011, p. 23-24) ressalta que a literacia visual permite expor os dispositivos de poder que regulam o olhar, ajudando a identificar e desafiar as mensagens implícitas nas imagens que reforçam exclusões e hierarquias. No caso dos manuais escolares, isso significa revisar cuidadosamente as ilustrações para garantir que não perpetuem desigualdades, mas sim promovam uma visão de mundo plural e equitativa.

Esse processo envolve não apenas a análise das imagens em si, mas também uma reflexão mais ampla sobre os sistemas culturais e políticos que influenciam sua produção. Que histórias estão a ser contadas? Quais vozes são silenciadas? E como essas escolhas impactam as percepções das crianças sobre o que é possível ou aceitável na sociedade?

A literacia visual pode ter um papel transformador da imaginação na infância. Kohan (2015, p. 216) numa reflexão que olha a infância através da filosofia en-

fatiza que a infância é um espaço privilegiado para o exercício da memória e da imaginação, permitindo que as crianças explorem múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo. Nesse sentido, os manuais escolares não devem apenas transmitir informações, mas estimular a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico. A integração de uma abordagem visualmente inclusiva e culturalmente sensível exige um esforço coletivo entre educadores, ilustradores e formuladores de políticas educacionais. O diálogo aberto entre esses atores é essencial para garantir que as imagens presentes nos materiais didáticos reflitam valores de diversidade e inclusão, e não reforcem preconceitos ou limitações. Quando entendida como uma “intervenção de cidadania” (Gil, 2011, p. 15), a literacia visual vai além da sala de aula, tornando-se uma prática ética e política com potencial para transformar a sociedade. Ao promover a inclusão e a desconstrução de estereótipos nos manuais escolares, estamos não apenas a educar as crianças, mas também a moldar uma nova geração de cidadãos mais críticos, empáticos e preparados para viver em um mundo diverso.

Dessa forma, a literacia visual convida-nos a ver as imagens como mais do que representações estáticas: elas são agentes de mudança, capazes de desafiar os dispositivos de poder que moldam nossas percepções e de abrir caminhos para um futuro mais justo e inclusivo.

A literacia visual não se limita à capacidade de interpretar imagens; ela é um meio poderoso de moldar como as crianças percebem a si mesmas e ao mundo. Quando utilizada de forma ética e responsável, pode contribuir para: Promover a empatia através de representações visuais inclusivas ajudam as crianças a se colocarem no lugar do outro, cultivando uma compreensão mais profunda da diversidade; Desafiar preconceitos com imagens que rompem com estereótipos visuais podem desconstruir ideias preconcebidas sobre identidade, cultura e papéis sociais; Criar um senso de pertencimento porque todas as crianças têm o direito de se verem refletidas positivamente nos materiais educativos.

Diferença e Diversidade: Uma Análise Crítica

Os manuais escolares são reflexos poderosos das políticas educativas de cada contexto histórico e cultural. Mais do que meros instrumentos didáticos, eles expressam visões de mundo e normas sociais que podem, consciente ou inconscientemente, reforçar desigualdades ou promover a inclusão. Nesse sentido, é crucial adotar uma abordagem crítica sobre como a diferença e a diversidade são representadas visualmente. As imagens presentes nesses materiais não apenas complementam os textos, mas desempenham um papel ativo na formação das percepções das crianças sobre identidade, pertencimento e alteridade.

Cada período histórico possui uma “gramática visual” específica, que traduz as prioridades e os valores das políticas educativas em vigor. A seleção das representações nos manuais escolares reflete essas escolhas culturais e políticas, evidenciando quem é legitimado como parte da norma e quem é excluído. Assim, surge uma questão fundamental: as representações visuais nesses materiais desafiam preconceitos e desigualdades ou, pelo contrário, perpetuam padrões excludentes? A pesquisa conduzida no projeto [in]visible tem como objetivo desvendar esses mecanismos de visibilidade e invisibilidade. Inspirando-se na abordagem visual de Gillian Rose, que combina métodos qualitativos e quantitativos, essa análise busca identificar padrões nas representações. Perguntas centrais como “Que tipo de visibilidade é legitimada?” e “Quais identidades são relegadas à invisibilidade?” guiam o estudo, trazendo à tona as complexas dinâmicas de inclusão e exclusão presentes nas imagens.

As imagens nos manuais escolares também possuem um papel transformador em relação à memória individual e coletiva. Proust enfatiza que a memória evocada

pelas representações visuais pode moldar significativamente a maneira como os indivíduos percebem o passado e constroem suas relações com o presente¹. Esse poder das imagens reside na sua capacidade de não apenas registrar, mas também reinterpretar experiências e realidades sociais.

Nesse contexto, é essencial que as representações visuais sejam criadas com intencionalidade educativa, alinhando-se a objetivos de aprendizagem que favoreçam a inclusão e o reconhecimento da diversidade. As imagens nos manuais não são neutras: elas carregam significados implícitos, reproduzindo valores que podem consolidar ou questionar desigualdades sociais. Por isso, é fundamental que as escolhas visuais sejam feitas com cuidado, considerando seus efeitos no imaginário das crianças.

As imagens nos manuais escolares precisam ser analisadas para além de seu conteúdo explícito, considerando os impactos subjacentes das escolhas visuais. O projeto [in]visible enfatiza que as representações devem ser examinadas em termos de como e quem elas tornam visível. Esta análise revela que a ausência de certas identidades é tão significativa quanto sua presença: o que não é representado também comunica mensagens poderosas sobre pertencimento e exclusão. Observou-se que em grande partes das imagens apenas algumas identidades estão representadas. Sendo que mesmo estas estão a desempenhar os papéis normalizados para o gênero feminino e masculino. Constatamos que as pessoas do gênero feminino estão maioritariamente a arrumar, limpar e cozinhar enquanto as pessoas do gênero masculino aparecem ligadas ao ambiente de estudo ou associadas à prática de desporto. Além disso, o processo de análise crítica deve considerar os contextos culturais e políticos que informam essas representações. Um olhar atento para os manuais escolares pode expor não apenas as narrativas dominantes, mas também as lacunas e os silêncios que precisam ser preenchidos. Isso permite uma reavaliação dos critérios de inclusão nas representações visuais e uma revisão das políticas que orientam a produção desses materiais. A inclusão da diversidade nos manuais escolares não pode ser reduzida a um esforço simbólico ou decorativo. É necessário que as representações visuais reflitam a complexidade das experiências humanas, abordando diferenças de maneira profunda e respeitosa. Esse esforço contribui para a formação de crianças mais empáticas, que reconhecem e valorizam as múltiplas formas de ser e estar no mundo.

Com base na análise crítica proposta por Gillian Rose, explanada ao longo da sua obra *Visual Methodologies*, compreendemos que as representações visuais não são apenas ferramentas pedagógicas: elas são instrumentos de mudança social. Elas podem, ao mesmo tempo, reforçar desigualdades estruturais ou atuar como pontes para um futuro mais inclusivo.

A diversidade e a diferença devem ser tratadas como pilares centrais na criação de materiais educativos. Representar identidades diversas nos manuais escolares não é apenas uma questão de justiça social; é também uma estratégia educativa que beneficia todos os alunos, proporcionando-lhes uma visão mais rica e plural do mundo. Por consequência, a intencionalidade educativa deve estar intrinsecamente conectada à intenção de aprendizagem, garantindo que as imagens escolhidas não perpetuem desigualdades, mas promovam um espaço de reconhecimento, pertencimento e transformação. Como sugere o projeto [in]visible, compreender os padrões de visibilidade e invisibilidade nas representações visuais é um passo essencial para reimaginar uma educação mais inclusiva e

equitativa.

Para Além da Aparência Física: Desconstruindo Estereótipos em Imagens Educativas

A importância das imagens nos manuais escolares vai muito além de uma função meramente decorativa ou ilustrativa. Elas desempenham um papel ativo na construção de significados, participando de narrativas pedagógicas que podem moldar a forma como crianças percebem o mundo ao seu redor. Apesar de frequentemente subordinadas ao texto, as imagens possuem a sua própria narrativa, influenciando as interpretações e atitudes dos alunos. Nesse sentido, Roland Barthes, em *A Câmara Clara*, destaca que toda imagem deseja “verbalizar”, apresentando-se como uma mensagem que exige decodificação através da linguagem verbal (Gil, 2011, p. 19). Este processo revela como as imagens não são neutras; ao contrário, elas estão carregadas de valores culturais e discursivos que merecem uma análise crítica mais aprofundada. Podemos basear-nos nas ideias de Gil (2011), para afirmar que também as imagens nos manuais escolares podem ser entendidas como “artefatos culturais complexos”, posicionados em sistemas discursivos de poder. Isso significa que elas não apenas refletem realidades sociais, mas também participam da construção e manutenção de ideologias. Portanto, a forma como indivíduos, grupos e situações são representados visualmente nos materiais didáticos tem implicações significativas na perpetuação ou desconstrução de estereótipos. Por exemplo, a predominância de representações padronizadas — como famílias nucleares, personagens com características eurocêtricas ou papéis de gênero tradicionais — pode reforçar normas culturais que excluem ou marginalizam outras experiências e identidades. Nesse contexto, a simples inclusão de personagens diversos pode ser insuficiente se não for acompanhada por uma abordagem sensível e transformadora. Uma representação que apenas adiciona “diversidade simbólica” pode, na verdade, perpetuar estereótipos ao apresentar personagens de forma caricatural ou descontextualizada. Existe uma representação padronizada da família, das brincadeiras das crianças do gênero feminino e do masculino, e o papel social estereotipado de cada um dos elementos. É frequente as imagens representarem a mãe, a avó e a filha no papel de cuidadoras enquanto o pai, o avô, o filho surgem a desempenhar atividades mais lúdicas ou até com as mãos nos bolsos enquanto observam a cena familiar.

Desconstruir estereótipos em representações visuais requer mais do que diversidade superficial; é necessário que as imagens desafiem preconceitos e promovam empatia. Isso envolve representar personagens e cenários de maneira que enfatizem dinâmicas relacionais, experiências de vida e características individuais. Em vez de reforçar hierarquias de poder, as imagens devem abrir espaço para que as crianças se reconheçam nas histórias, enquanto aprendem a valorizar a pluralidade de experiências humanas.

Barthes ajuda-nos a compreender que a análise das imagens deve ir além de uma leitura literal, considerando os contextos culturais, históricos e políticos em que foram produzidas. Nesse sentido, a crítica das representações visuais em manuais escolares precisa integrar-se numa reflexão mais ampla sobre os discursos pedagógicos e culturais. Isso inclui questões como a hierarquização de saberes, a naturalização de desigualdades sociais e as narrativas implícitas sobre identidade e pertencimento.

Por uma Representação Visual Inclusiva: Diálogo, Ética e Transformação

As imagens podem e devem ser ferramentas de inclusão e transformação. Quando projetadas conscientemente, elas têm o poder de romper com padrões culturais excludentes, incentivando crianças a questionar normas e preconceitos. Para alcan-

¹ Green, Jeffrey D., Chelsea A. Reid, Margaret A. Kneuer, Mattie V. Hedgebeth (2023). “The proust effect: Scents, food, and nostalgia” in *Current Opinion in Psychology*. Volume 50, April 2023, 101562. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101562>

çar isso, é crucial considerar aspetos como: a Complexidade Visual e Narrativa: As ilustrações precisam ir além de estereótipos visuais, mostrando a diversidade em suas nuances e complexidades; A Conexão com o Quotidiano: Representações que refletem a realidade cotidiana das crianças podem fortalecer seu senso de pertencimento; A Contextualização Histórica e Cultural: Mostrar como diferentes grupos e culturas contribuem para a sociedade ajuda a combater visões eurocêntricas ou unilaterais.

Ao reconhecer que “a imagem é uma mensagem” que demanda leitura crítica, como argumenta Barthes, educadores, ilustradores e autores de manuais escolares são chamados a repensar as escolhas visuais nos seus materiais. As imagens devem ser tratadas não apenas como complementos ao texto, mas como elementos centrais no desenvolvimento de práticas pedagógicas mais justas e inclusivas. Assim, ao integrar a análise crítica das ilustrações a uma compreensão ampla dos discursos culturais, torna-se possível transformar os manuais escolares em ferramentas poderosas de empoderamento e desconstrução de estereótipos. Alcançar uma representação visual inclusiva nos manuais escolares é um processo que exige mais do que boa intenção. Requer um diálogo aberto e reflexivo entre educadores, ilustradores e outros profissionais envolvidos na criação desses materiais. Esse diálogo deve questionar não apenas o conteúdo das imagens, mas também como elas são utilizadas na prática pedagógica. Somente por meio de um debate contínuo e crítico é possível descolonizar o olhar, abrindo espaço para múltiplas visões de infância e identidade. O autor ainda salienta que o ato de dialogar é essencial não apenas como prática educativa, mas também como um exercício ético. Questionar as escolhas visuais nos manuais escolares exige uma abordagem que desafie preconceitos e hierarquias culturais enraizadas. Por exemplo, o diálogo pode levar a reflexões como: Quais histórias estão sendo contadas por meio das imagens? Quais grupos estão representados (ou ausentes)? Como essas representações dialogam com as realidades das crianças que utilizam esses materiais?

Talvez ainda mais importante, o diálogo não deve restringir-se à criação dos manuais, mas deve estender-se ao contexto de sala de aula. Os educadores têm um papel crucial em facilitar a leitura crítica das imagens, ajudando as crianças a compreenderem as narrativas implícitas e a questionarem os padrões de exclusão que possam estar presentes.

É um compromisso com a construção de um ambiente de aprendizagem onde todas as crianças, independentemente de suas origens ou características, se sintam valorizadas e incluídas.

Uma análise crítica das representações visuais deve levar em conta não apenas a criação, mas também a forma como as imagens são integradas nas atividades letivas. Como são apresentadas? Elas são tratadas como meros complementos ao texto, ou como ferramentas significativas para a aprendizagem? Para maximizar seu impacto positivo, as imagens devem ser contextualizadas e acompanhadas de atividades que promovam a reflexão crítica. Perguntas-chaves podem incluir: O que essa imagem representa? Quem está ausente nesta narrativa visual? Como esta imagem reflete ou contrasta com a realidade dos alunos?

Esse tipo de abordagem não apenas enriquece a compreensão dos alunos, mas também os capacita a questionar os discursos visuais que encontram fora do ambiente escolar.

Conclusão: Por uma Educação Visualmente Sensível e Transformadora

Como afirma Berger, “a vista chega antes das palavras” (1987, p.11). As imagens nos manuais escolares moldam as primeiras percepções das crianças sobre o mundo, muitas vezes antes que elas desenvolvam a capacidade de ler e interpre-

tar textos complexos. É nossa responsabilidade garantir que essas imagens sejam mais do que reflexos do presente; que sejam pontes para um futuro onde a diversidade e a inclusão sejam celebradas.

Propõe-se, assim, uma análise crítica e colaborativa das representações visuais nos manuais escolares, que considere tanto a intenção educativa quanto os efeitos de aprendizagem. Um diálogo contínuo entre criadores e educadores é essencial para assegurar que as imagens transmitam mensagens de empoderamento e sentido de pertença, ajudando as crianças a se tornarem cidadãos conscientes e críticas. As imagens, afinal, têm o potencial de serem mais do que representações estáticas. Elas podem ser ferramentas transformadoras, que inspiram crianças a imaginar — e construir — um mundo onde todas as identidades encontram o seu lugar.

Referências

- Berger, John (1987). *Modos de Ver*. Edições 70.
- Gil, Isabel Capeloa (2011). *Literacia Visual*. Edições 70.
- Green, Jeffrey D., Chelsea A. Reid, Margaret A. Kneuer, Mattie V. Hedgebeth (2023). “The proust effect: Scents, food, and nostalgia” in *Current Opinion in Psychology*. Volume 50, April 2023, 101562. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101562> [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X23000076] (consultado em setembro de 2024)
- Kohan, Walter Omar (2015). Visões de Filosofia: Infância. *ALEA: Estudos Neolatinos*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol 17/2. P. 216-226. jul-dez 2015.
- Rose, Gillian (2016). *Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials*. SAGE Publications.